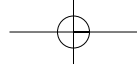


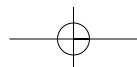
## TEMPESTADE EM VENEZA

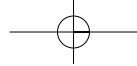
A luz é outra sobre a cidade. As águas sobem. O vento recebe-as e há  
no ar  
qualquer coisa que chega com um sabor a sal. Será este o novo ali-  
mento  
que nos traz? As praças estão inundadas, vazias. Por vezes alguém  
passa  
a correr. As nuvens aglomeram-se, descem sobre as casas  
cujos telhados hão-de ficar entreabertos como gomos. As folhas  
(aqui são raras as árvores) espalham-se para que se tornem as ruas es-  
treitas  
num único ramo. A chuva bate contra as janelas e nelas fica escrita  
uma palavra que desconhecíamos. Olhamos para os barcos. Oscilam  
cada vez mais. Quando passam ao nosso lado é a nós mesmos que  
perguntamos  
para onde se dirigem. O sulco que deixam é semelhante ao dos nos-  
sos passos  
quando caminhamos sobre estas lajes brancas. As colunas também  
daí se afastam  
para encontrarem junto das paredes a sombra que as vem ocultar. É o fim  
da tarde. Esta tempestade começou de repente. Veio ao nosso encontro  
como outrora e sempre desceu assim sobre a cidade. Todos a rece-  
biam com a mesma  
surpresa. Depois, limitavam-se a olhar à sua volta como se uma flor  
desconhecida  
ficasse ali aberta. Habitavam-se ao seu odor. Era sempre  
com o mesmo nome que se referiam a ela. Talvez o tempo passe  
mais depressa para que finalmente chegue o silêncio, as últimas  
nuvens que se despediam. As ondas perdiam então a sua espuma, o mar  
ficava mais tranquilo. Repetiam outra vez aquele nome para o conhe-  
cerem  
melhor. Podemos escutá-lo ainda. Sentimos como o ar à nossa volta  
se torna agora mais sereno. Com ele vinham estas aves que se torna-  
ram invisíveis  
e cujo voo se aproxima de nós. A chuva já parou. Entreabrimos  
uma janela. Olhamos para fora e de novo aparecem os lábios da ci-  
dade.



## PÁGINA

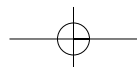
Principiamos a ler. O rosto inclina-se. Ainda separadas, algumas das letras estremeceram. Tudo aquilo que se sente é a respiração que fica à sua volta. O ar destina-se às palavras e também ao silêncio. A luz que chega pode explicar-nos melhor o que se passa. Os olhos sabem-no. Daí a pressa com que se aproximaram dela, até se tornar o que se leu mais nosso. Depois repousamos um pouco. Uma das mãos estende-se e vai ao encontro de outra página. Esta será maior.





### *COROAÇÃO DA VIRGEM DE STEFANIO DA VENEZIA*

Quem são aqueles que ficam ali reunidos e se submetem a esta ordem que é a da pintura? Estão sentados. Há filas onde avultam os rostos cercados pela luz. Podemos dizer que é um trono este lugar onde descai uma das mãos para o que nos era oferecido? Tudo o que se espera há-de ficar abrigado por um manto. Encontraremos finalmente aquilo que se pode ainda receber. Dois rostos inclinam-se e tornam-se maiores. À sua frente estava suspensa uma coroa. O seu brilho aproxima-se para não ser diferente do que se vê todos os dias ao amanhecer. Ela vinha ocupar o centro deste espaço que se fecha agora em si mesmo. Num dos lados dispunham-se algumas palavras que podiam ser lidas. No outro, alguém continuava ajoelhado. A imobilidade permite encontrar outros caminhos.



## F. GREGOROVIVS

Sozinho no seu gabinete, procurava a verdade acerca de uma mulher chamada Lucrezia. Pertencia à família dos Bórgias. Este nome foi conhecido por estar associado ao veneno. E também ao amor. Um e outro podem percorrer o nosso sangue e depois ficar no coração. Aí nasceria uma flor. As pétalas eram brancas ou negras. Gregorovius colheu-as e preocupou-se apenas em ver a sua transparência. Assim é que se principia a contemplar um rosto amado. Nunca mais o esqueceu. Ao que já tinha escrito acrescentou estas palavras: «É uma mulher amável e doce, frívola e infeliz.» Deteve-se. Reflectiu durante alguns instantes. Mas continua a escrever sem descanso, como se um fio de sangue corresse nas suas mãos.

*IN MEMORIAM D. B.: O DESERTO DOS TÁRTAROS*

Há uma ameaça. Por isso, olhamos à nossa volta e estamos atentos aos sinais do vento, à poeira que se espalha pelo ar. Já as aves levantaram

voo, assustadas. Entreabrimos as poucas janelas por onde fazemos a nossa vigilância. É em voz baixa que falaremos uns com os outros até se concluir que será ali que teremos de estar à espera, porque falta ainda algum tempo. Para quê? Isso não sabemos. Talvez a poeira que se viu ao longe não seja um sinal da proximidade daqueles que vêm ao nosso encontro, montando sem receio cavalos ligeiros, cheios de espuma, as rédeas quase soltas. Ou virão apenas a pé? Admitimos que as suas armas estão apontadas para nós e um reflexo

há-de atravessar as nossas pálpebras quando adormecermos. Então surge

uma suspeita. Eles, os invasores, são os nossos sonhos. Adivinha-se qual a intenção que têm. Confirma-se igualmente a suspeita que existe nesta ameaça, a que sentimos dentro de nós quando aí se estende um deserto circular, as areias impossíveis, a transparência que vem da luz e nelas se encontra espalhada. Se é assim podemos continuar serenos. Os sonhos tornaram-se inofensivos. Nem sequer são feitos de uma substância como a da respiração. Eles não existem dentro do nosso peito porque estão mais longe. Só as nuvens se aproximam

para que se tornem mais frágeis ainda. Depois chegam as primeiras palavras que nos visitam e cuja pronúncia há-de trazer consigo uma explicação que equivale ao princípio da noite. Chegou a hora de adormecermos porque o assalto foi adiado. O brilho das estrelas parece ser mais frio. Fechamos as janelas. Com alívio passamos

a mão pelo rosto. Reconhecemos agora que esta é a nossa melhor defesa.